

LABIRÍNTOS NA PLANÍCIE

Paulo Schiller
Tradutor

Aprendi o húngaro em casa, na infância, de meus pais recém-chegados ao Brasil. A precariedade do português deles, à época, me autoriza a dizer que o húngaro foi minha primeira língua. Há quem afirme não haver outro meio de se assimilar esse idioma de traços incomuns, embora existam umas raras exceções, entre elas o nosso Guimarães Rosa, de quem temos uma belíssima introdução aos meandros da língua num prefácio para uma antologia de contos húngaros editada por Paulo Rónai.

O húngaro pertence à família das línguas uralo-altaicas, representada na Europa também pelo finlandês e o estoniano, das quais se aproxima somente pela estrutura gramatical. Não compartilham nenhuma semelhança entre palavras e têm parentesco distante com alguns dialetos que sobrevivem em cantos remotos do norte da Sibéria. O húngaro é uma língua aglutinante, ou seja, sufixos solucionam o que nas demais depende de duas ou mais palavras. Uma musicalidade singular resulta da harmonia vocálica que condiciona aos sufixos a mesma sonoridade que vibra nas vogais das raízes. Além disso, a sílaba tônica de todas as palavras é sempre, sem exceção, a primeira. Reside nisso o tom grave, menor, evocado pelos escritores, e a escala pentatônica que marca os cantos folclóricos recolhidos por Bartók nas aldeias das planícies intermináveis estendidas a leste do Danúbio (a tonicidade que recai sobre a primeira sílaba é a marca inconfundível que costuma acompanhar o

húngaro em toda língua estrangeira que ele aprende: “um húngaro pode perder tudo, menos o sotaque”).

Por conta da escassez de tradutores e do desinteresse dos editores pelos idiomas “menores”, o autor húngaro sempre trabalhou na “solidão da língua”. Apesar de contar com uma produção imensa e alguns dos maiores poetas e prosadores do século XX — entre eles Imre Kertész, ganhador do prêmio Nobel de 2002 — a literatura da Hungria é pouco divulgada no Ocidente, publicada muitas vezes a partir de traduções indiretas. Entre nós, Paulo Rónai abraçou o português com a paixão e sensibilidade dos grandes tradutores e nos ofereceu algumas amostras dos clássicos *magyares*. Rónai salvou-se da perseguição nazista graças a um convite do governo brasileiro a esse filólogo que, autodidata, tinha aprendido o português e publicado na Hungria uma antologia de poemas de autores brasileiros. Naturalizou-se brasileiro em 1945, dispensado do prazo legal pelos relevantes serviços culturais prestados ao país. Aqui, além de dicionários e gramáticas do latim e do francês, livros sobre lingüística e a arte da tradução, antologias de contos húngaros, publicou em colaboração com Aurélio Buarque de Holanda o *Mar de Histórias*, monumental coleção de contos da literatura universal. Traduziu para o português *Os meninos da rua Paulo* de Ferenc Molnár, romance juvenil, dirigiu a edição de *A comédia humana* de Balzac e verteu para o francês *Memórias de um sargento de milícias*.

Meu húngaro é a língua doméstica, do cotidiano, falada na Hungria no final dos anos 40. Fui alfabetizado em português. A não ser por textos curtos, ocasionais, passei a maior parte do tempo ao largo da literatura húngara. Nunca escrevi em húngaro e não tive noções formais de gramática.

Ao aceitar o desafio de traduzir *O legado de Eszter* de Sándor Márai, eu adivinhava algumas das dificuldades que se apresentariam, embora não suspeitasse que a primeira, e talvez a mais curiosa, seria oferecida pelos dicionários. Inicialmente, eu contava com um pequeno dicionário húngaro-italiano, sobrevivente da passagem dos meus pais pela Itália a caminho do Brasil. Mais do que de pres-

sa, comprei o único dicionário húngaro-inglês que encontrei na redondeza e encomendei outro que, pela descrição, parecia mais abrangente. Um dia, folheando guias de viagem numa dessas livrarias que mais parece um supermercado, com minutos de sabedoria e lâminas de barbear à venda no caixa, meus olhos pousaram sobre um grosso volume cuja capa verde e vermelha brilhante me encrava com os dizeres: Magyar-Portugál kéziszótár, Akadémiai Kiadó, Budapest, 1993. Descartada a tentação de interrogar os encontros insólitos que o destino nos propicia, importa que eu me via diante da terceira edição de um dicionário húngaro-português, publicado na Hungria, de que não só nunca tivera notícia como jamais imaginara encontrar num lugar daqueles onde só parecia lógico que estivesse alojado na prateleira errada. Os dizeres da capa, a ficha catalográfica e o prefácio exibiam uma língua indecifrável: a palavra Portugál deve ter induzido um funcionário a acomodá-lo entre os roteiros turísticos da Península Ibérica.

Desde pequeno convivi com a afirmativa entre curiosa e ativa de que a língua húngara era a única em que as palavras se pronunciavam exatamente como eram escritas. Não entendia muito bem o significado disso e nunca me aprofundi no que para mim causava certa estranheza: sem me deter muito, eu refletia que em português, como nas demais línguas, as palavras também eram pronunciadas segundo a sua grafia. A resposta veio por meio dos dicionários.

Logo de início, os dicionários pareciam zombar de mim. Ao procurar sentidos adicionais para a palavra *csalodás* (desengano) eu me deparava com *cövek* (estaca) e em seguida *cucli* (chupeta). Se eu buscasse outros significados para *szemtelen* (insolente), a última palavra iniciada pela letra *s* era *svung* (arrebato). A ausência de termos tão comuns parecia inconcebível. Nos primeiros instantes, ofuscado pela ignorância, e em meio a pensamentos fugazes e maldosos sobre a péssima qualidade do dicionário, abria outro e, por vezes, tinha a sorte de descobrir logo uma página que exibía uma longa lista de vocábulos iniciados por *cs* ou *sz*. Aos poucos, o mistério se desfez: as palavras iniciadas por *cs* (que tem

som de *tch*), *sz* (o nosso “s”, como em “salvo”), *zs* (som de *g*), *ö* e *ü* (como no alemão) vinham separadas em sessões exclusivas que se seguiam às das letras *c*, *s*, *z*, *o* e *u* respectivamente. O mesmo valia para *dz*, *dzs*, *ny*, *ly*, *ty* e *gy* (que aparece em *Magyar* — dizem que para se saber se alguém é húngaro basta ouvir como enuncia o encontro dessas duas letrinhas). Não ousou imaginar a representação gráfica da sonoridade de *ty* e *gy* em português (há quem diga que se parecem com a maneira como um britânico afetado pronunciaria as primeiras sílabas em *tube* e *Duke*).

As armadilhas não ficavam nisso. Tudo se repetia quando as letras ou pares acima não vinham no início de uma palavra. Assim, *tö* (raiz) figurava depois de *toxin*, e *fotel* (poltrona), antes de *fő* (principal, ferver ou cabeça...). O húngaro diria que *sz* é a “letra es” e *cs* a “letra tch”.

Assim, o alfabeto húngaro conta com 44 letras — algumas “duplas” ou “triplas” — das quais 14 são vogais. As nossas vogais encimadas por trema ou acento agudo são tratadas como letras independentes.

Por fim, a vaidade da língua em que “se diz exatamente o que está escrito” se aclarava: em todas as situações, as letras ou esses duplos representam *sempre o mesmo som*. Não como o nosso “s”, o nosso “x” e tantas outras letras que compõem (como nas demais línguas) sonoridades diversas segundo a posição em que aparecem.

Levei também algum tempo para me habituar ao fato de que os verbos não constavam no que seria o infinitivo impessoal mas no que aos meus ouvidos era a terceira pessoa do singular do presente, um infinitivo pessoal.

Apesar de um automatismo renitente que insistia em pregar peças, o domínio progressivo sobre a perversidade dos dicionários os tornava cada vez mais completos. Aos poucos, evidenciavam-se as dificuldades que eu de início antecipara.

O húngaro conta com um único tempo verbal para expressar o passado. Os verbos não se conjugam no futuro. Não existe o verbo haver. Não há posições. O artigo não faz distinção de gênero.

Em meio a essa simplicidade enganosa, as ciladas, o inusitado, espreitam em outros lugares.

Uma mesma frase pode conter todos os tempos verbais sem nenhuma restrição.

No ato de traduzir, o passado único tinha de ser cindido nos diversos pretéritos do português. As soluções dependiam do contexto da narrativa, sempre com o risco de tropeços, especialmente em parágrafos longos ou trechos ambivalentes.

O futuro se deduzia pelo verbo composto ou por um advérbio. O húngaro diz: “*amanhã* leio o livro” ou “*amanhã vou* ler o livro”, ou ainda “*amanhã ler vou* o livro”.

Grosso modo, os tempos verbais se dividem em indefinidos e definidos. Assim: “vejo um pássaro” seria indefinido; “vejo o pássaro”, definido. Tempos verbais sim, pois o que determina a diferença é a grafia do verbo — *vejo* (*látok* ou *látom*) — e não o artigo. A nomenclatura dos tempos verbais guarda apenas uma relação de estranheza com as línguas que nos são mais familiares: modo conjuntivo-imperativo, definido ou indefinido, presente condicional, definido ou não, acrescidos do recurso a uma infinidade de sufixos que instituem modos particulares.

A ausência de preposições abre a passagem principal para o labirinto. *Pós*-posições, sufixos, *prevérbios*, irregulares, às vezes imprevisíveis por não dependerem de regra, se multiplicam ao infinito. Para vislumbrar um fragmento, vejamos a palavra *szem*, olho:

szemet	o olho
szemben	no olho
szembe	no olho ou em frente
szemböl	do olho ou de frente
szemen	no olho
szemről	do olho
szemre	no olho ou para o olho
szemnél	no olho
szemtől	do olho

szemhez	para o olho
szemig	até o olho
szemnek	para o olho
szemként	de acordo com olho
szemmel	com o olho
szemé	“tornar-se” olho
szemért	pelo olho
szemestül	com o olho

A escolha da variante depende da harmonização vocálica e da presença de “vogais instáveis” na combinação das palavras. Esses diversos casos recebem os nomes de nominativo, acusativo, inessivo, ilativo, elativo, superessivo, delativo, sublatoivo, adessivo, ablatoivo, alativo, terminativo, dativo, formal, instrumental, translatoivo, causativo, associativo... Paulo Rónai diz que por sorte os nativos aprendem a língua sem pensar.

Vejam algumas das flexões possíveis da palavra *asztal*:

asztalban	no interior da mesa
asztalra	sobre a mesa
asztallal	com a mesa
asztaltól	da mesa (afastando-se)
asztalért	por causa da mesa
asztallá	reduzido a mesa
asztalként	como uma mesa
asztalon	sobre a mesa
asztalról	da mesa
asztalnál	junto da mesa
asztalhoz	perto da mesa
asztalig	até a mesa
asztalfölött	sobre a mesa
asztalalat	sob a mesa
asztalmellett	junto da mesa
asztalkörül	em redor da mesa
asztali	de mesa (vinho ou toalha)

E a formação dos possessivos:

asztalom	minha mesa
asztalod	tua mesa
asztaluk	a mesa deles
asztalunk	a nossa mesa
asztala	a mesa dele

E ainda:

asztalomban	na minha mesa
asztalaimban	nas minhas mesas

E as palavras que se formam pela aglutinação de outras raízes, pós-posições, prefixos ou sufixos:

asztalós	marceneiro
főasztal	mesa principal
asztaltárs	conviva
asztalkendő	guardanapo...

e umas dezenas mais, detentoras da mesma raiz, espalhadas por algumas páginas do dicionário. Há quem diga jocoso que a língua original consistia de umas poucas palavras passíveis de serem justapostas ao gosto do inventor. Afirmativa que evoca Guimarães Rosa no exemplo — um entre tantos — que o fascinou:

legeslegmegengedhetlenebbekkel — que significa com os mais inadmissíveis de todos.

Como esta, uma infinidade de palavras, construídas por justaposição ou aglutinação, não existem nos dicionários: têm de ser cindidas, as partículas excluídas, e suas raízes, com um pouco de paciência e sorte, encontradas.

Os verbos são com freqüência precedidos de prévêrbios ou prefixos verbais. Os mais comuns somam cerca de cinquenta e, em-

bora muitos tenham significado próprio, o sentido final das combinações com os verbos não pode ser inferido pelos das partes. Alguns exemplos com o verbo pular, *ugrik*:

<i>beugrik</i>	pula para dentro de
<i>kíugrik</i>	pula para fora de
<i>leugrik</i>	pula para baixo
<i>fehugrik</i>	pula para cima
<i>ehugrik</i>	pula para longe
<i>visszaugrik</i>	pula de volta
<i>átugrik</i>	pula por sobre
<i>végigugrik</i>	pula ao longo de
<i>ideugrik</i>	pula para cá
<i>odaugrik</i>	pula para lá
<i>ráugrik</i>	pula para cima de
<i>aláugrik</i>	pula para baixo de
<i>előreugrik</i>	pula para frente
<i>hátraugrik</i>	pula para trás
<i>helyreugrik</i>	pula para o lugar
<i>újraugrik</i>	pula de novo...

e mais um sem número de pulos possíveis.

Para o tradutor, o uso da vírgula é novo convite a equívocos. No húngaro, a vírgula é obrigatória antes de toda conjunção, antes do segundo termo de uma comparação e precede toda oração subordinada. Assim, em húngaro escrevemos:

Ele me disse, que me amava.

Ela caiu, e começou a gritar.

Comprei o livro, que ele pediu.

Não morre, quem tem boa saúde.

Este caderno é maior, que aquele.

Ficou branco, como a parede.

A multiplicidade de variáveis instituída pela aglutinação, pelos sufixos e outras partículas cria inúmeras palavras que não têm si-

milar em português. Assim, dispomos de *morenice* para falar da nossa mulher, mas nossos dicionários não trazem um equivalente para quem tem cabelos claros. Na tradução, *loirice* se impôs. Temos *negrume*, *vermelhidão* e *brancura*, mas nos falta *cinzura*, *amarelice* ou *azulidão*.

O húngaro deseja saber *exatamente como* se dá uma ação. Exige detalhes muito precisos. Assim, o português parece carente para descrever, como o faz o húngaro, os nossos gestos e movimentos, certas relações espaciais e a multiplicidade de consistências, cores, sons e perfumes de cenários, objetos e da natureza. Em português, uma única palavra muitas vezes se transforma, empobrecida, numa pequena oração. *Üldögelt* significa “ele ficou sentado meio à toa durante algum tempo”.

Alguns reparos sobre “estilo”. Em húngaro, palavras como *mas*, *aquele* e *também* são pequenas partículas que se diluem no interior das frases sem causar nenhum ruído. A reprodução fiel dessas repetições no português pode resultar num texto pobre, de leitura desagradável. O mesmo acontece com a profusão e o uso abundante de advérbios que em português terminam em *mente*. Traduzidas, frases como “andavam lentamente” ou “abriu cuidadosamente” se transformaram às vezes em “andavam lentos” ou “abriu cuidadoso”. Por fim, desapareceram termos e partículas que permeiam o húngaro e não têm equivalente em nossa língua. É verdade que em autores como Márai essas repetições são de certa forma contornadas, mas ainda assim aparecem numa frequência irreconciliável com a tradição beletrista do português.

Determinadas preciosidades desafiam toda tradução. Um exemplo é uma palavra como *hallgatni* que significa igualmente *escutar* e *silenciar*. Em português, a escolha impõe uma perda.

Ao recorrer às gramáticas, eu me deparava com frases assim esclarecedoras: “raízes descendentes não se modificam, mas causam certa irregularidade imprevisível nas variantes dos sufixos. Após estas raízes, a vogal instável do início do sufixo não é regular e conserva-se a vogal instável do acusativo mesmo depois das con-

soantes do final da raiz, que nos demais casos levam à supressão das vogais instáveis”.

Desde *O legado de Eszter*, traduzi *Veredicto em Canudos* do mesmo Márai e *O companheiro de viagem* de Gyula Krúdy. Márai e Krúdy, de quem o primeiro se diz herdeiro, são estilistas delicados, artesãos da palavra. O *Veredicto*, um achado que coincidiu com o centenário da publicação de *Os sertões* é um romance inspirado na leitura feita por Márai da versão em inglês do livro de Euclides da Cunha. Nesse momento trabalho dois livros de Imre Kertész: *Ausência de destino*, ficção, e *A língua exilada*, coletânea de ensaios. Em Kertész a forma assume traços muito distintos em cada um dos textos. No todo, predomina certa aspereza, possivelmente intencional: a violência presente nas narrativas é no mais das vezes insinuada, intensificada pela aridez da linguagem.

A singularidade possível de minha contribuição talvez resida numa apreensão visceral das duas línguas, sem a intervenção da razão. A consciência da complexidade e das diferenças estruturais entre o húngaro e o português resultou de leituras feitas depois de três livros traduzidos: como se ao final de um processo psicanalítico alguém decidisse formalizar pela teoria movimentos e atos consolidados ao longo do percurso.